

DA UTOPIA À REALIDADE: O COMPROMISSO ÉTICO DO EDUCADOR NUMA PERSPECTIVA EMANCIPATÓRIA

From utopia to reality: the ethical commitment of educator in an emancipatory perspective

Caroline Fava¹
Graziela Luz dos Santos¹
Fernanda Paulo¹

Resumo: Desde a Revolução Industrial, vivemos numa sociedade fundamentada no capitalismo, que estabeleceu a divisão das classes sociais e, conseqüentemente, ocasionou as desigualdades. Entretanto, almejamos um mundo melhor, justo e igualitário. E diante dessa problemática, faz-se mister a análise do compromisso ético do educador ante a emancipação dos indivíduos. Logo, esse trabalho, realizado a partir de determinadas obras bibliográficas, salientando principalmente as ideias de Paulo Freire, supõe a necessidade de considerar a efetividade da eticidade docente na formação de sujeitos críticos, conscientes e solidários. Constatamos, então, que embora sejamos sujeitos condicionados, mesmo no ambiente escolar (pois este, na maioria das vezes, reproduz a ideologia dominante), quanto educadores éticos, comprometidos com a prática pedagógica, somos capazes de fomentar a mudança. Por conseguinte, percebemos o quão importante é a atuação do educador, perante a realização das nossas utopias, da busca pelo resgate e valorização das virtudes essenciais na constituição de um mundo melhor. Nesse mundo, todos teriam o direito de viver plenamente, onde a injustiça, a violência e a subordinação sejam relegadas, cedendo lugar à integridade, à paz e à libertação. Portanto, onde houver educadoras e educadores comprometidos eticamente, sempre haverá possibilidades de ascensão social.

Palavras-chave: Sociedade. Ética. Docência.

Abstract: Since the industrial revolution, we lived in a society founded on capitalism. Which established the social class division and consequently Caused inequalities. However, we crave a better world, fair and egalitarian. Over this problematic, it makes ethical commitment analyze of the pedagogue Faced with the critical Individuals. Soon, this job, accomplished from determined bibliographic works, stressing mainly the ideas of Paulo Freire, It Implies the need of considering the affectionateness of ethics professoriate on the graduation of critical people, conscious and generous. Then we fix, However being conditioned people, Even in the school environment, for this most Often recreate dominant ideology, the ethical educators, committed dedicated to the pedagogical practice, we are capable of Creating Change. for this realize how important of the pedagogue, over the realization of our utopia, from the seek of rescue and appreciation of the essential virtues on the constitution for a better world, Which be, conceive everyone the right to live free, where injustice, violence and subordination, Become relegated, to place grant to integrity, peace and freedom. Therefore, where educators and pedagogues have ethical dedicated, always there will be possibilities of social ascension.

Keywords: Society. Ethics. Instructor (teacher).

Introdução

O presente *paper* tem como tema central o compromisso ético do educador numa perspectiva emancipatória, abordando a concepção de Paulo Freire e demais autores. O objetivo é analisar a ética no trabalho docente, em prol da libertação da sociedade.

Esse trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica baseada em Tafner (2012, p. 132), autora do caderno de estudos de Metodologia do Trabalho Acadêmico da UNIASSSELVI. Logo, a pesquisa pressupõe o levantamento de materiais referentes ao tema em questão, levando em consideração as ideias de determinados autores, principalmente de Paulo Freire. Dessa forma, proporcionará a discussão da sociedade na qual nos encontramos acerca

¹Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR-470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

daquela que desejamos, analisando o compromisso ético do educador diante de sua ascensão.

Ao longo do desenvolvimento, será abordado o contexto da sociedade atual em direção à que almejamos, de forma problematizada, a partir da concepção de Freire (1996, 2011), Cotrim (2006), Burg, Fronza e Silva (2013), sendo, estes últimos, autores do caderno de estudos de Fundamentos do Processo Educativo no Contexto Histórico-Filosófico, da UNIASSELVI, além de Trasferetti (2011) e Cury (2003). Posteriormente, será destacada a ética no trabalho docente, considerando que esta se afirma na sala de aula e se alonga às esferas da transformação social. Por fim, nas considerações finais, será resgatada, de forma crítica e problemática, a pesquisa realizada, a partir dos materiais utilizados, propondo a continuidade dos estudos atingidos.

Desenvolvimento

Sabemos que há milhões de anos o homem vem evoluindo e desenvolvendo novas técnicas de sobrevivência, principalmente a sua capacidade de comunicação, a qual possibilita a sua integração no meio social. E a partir dessa inter-relação foi possível que o ser humano desenvolvesse a consciência com relação a si e a outro (consciência crítica). E, evidentemente, esta é uma característica peculiar que o distingue dos demais animais, conforme Cotrim (2006, p. 11): “[...] os homens não são apenas seres biológicos produzidos pela natureza. Os homens são também seres culturais que modificam o estado de natureza [...]”.

Sendo assim, pela sua capacidade de intervenção, proporcionada pela sua racionalidade e sensibilidade, o homem constitui-se como ser histórico, capaz de alterar, modificar a sua natureza, optando pela melhor maneira de viver.

Entretanto, para a maioria das pessoas, condicionadas a certos fatores, como a divisão de classes, determinadas circunstâncias parecem inalteráveis, não passam de meras utopias, de um mundo igualmente inatingível, pois assim encontram-se alienados à sua própria capacidade de pensar. Contudo, faz-se necessário ressaltar que a consciência humana, quando bem desenvolvida, é capaz de alcançar dimensões favoráveis ao bem comum, “[...] romper com boa parte do seu passado, questionar o presente e criar a novidade futura”. (COTRIM, 2006, p. 12).

Portanto, ao longo da história percebemos os indivíduos, homens e mulheres, como seres únicos, agentes transformadores de uma natureza mutável que requer a cada novo dia sujeitos comprometidos moral e eticamente, “[...] ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva, porque é capaz de amar”. (FREIRE, 1996, p. 41).

Ética: da sociedade que temos à que almejamos

Imprescindivelmente, antes de adentrarmos ao mundo da eticidade docente, cabe-nos fazer a seguinte pergunta: Que tipo de sociedade estamos formando hoje? Qual é a sua essência? Primeiramente, é importante ressaltar que vivemos numa sociedade fundamentada no capitalismo, que ocasionou a sua divisão em classes sociais, como nos aponta Freire (1996, p. 128): “[...] negação de nós mesmos como seres humanos submetidos à ‘fereza’ da ética do mercado”. As pessoas, aos poucos, estão perdendo a sua essência, tornando-se consideravelmente relativistas, ou seja, à parte de uma fundamentação, na qual os valores, virtudes verdadeiras, conduzem à prática do bem e da solidariedade humana.

Devemos considerar que esta característica da sociedade atual advém mais precisamente da modernidade, com o surgimento do capital e da mão de obra assalariada.

No sistema capitalista há uma separação entre capital (indústria, máquinas, ferramentas, matérias-primas, terras) e trabalho. Surgem, portanto, dois grupos: o trabalhador, que vive exclusivamente de seu trabalho, e o capitalista, dono dos meios de produção. (BURG; FRONZA; SILVA, 2013, p. D2-100).

A partir de então, com a revolução da indústria, ou seja, com a substituição da força humana pela força mecânica, o aceleração constante da produção e o crescimento do capital por parte da minoria, além da competição acirrada, o homem vive aprisionado à força dominante, assumindo-se, automaticamente, como objeto.

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. Falam de si como os que não sabem e do “doutor” como o que sabe e a quem devem escutar. (FREIRE, 2011, p. 69).

Assim, com a desvalorização do trabalho, o ser humano vive alheio à sua própria capacidade de transformar a realidade, a sua natureza. Logo, na imergência em que se encontram os indivíduos, o que era necessário à sobrevivência humana torna-se insignificante. As pessoas são valorizadas pelo que possuem, não pelo que são. “[...] é de fundamental importância a crítica à massa, porque é a personificação do anonimato. No anonimato perde-se a identidade, o que vale é o homem estereotipado, sendo fruto de modismos”. (TRASFERETTI, 2011, p. 13). O dinheiro que mascara o produto da força humana está substituindo o efetivo e incondicional por algo concernente e inconstante.

Partindo desse pressuposto, cabe lembrarmos de que, faz algum tempo, muitos de nós ouvíamos de nossos pais a seguinte frase: “Não jogue comida fora! Cuide do que é seu!” No entanto, esta moralidade clama urgentemente por um resgate; e isto fica evidentemente retratado diante das situações que são vivenciadas hoje.

E esta realidade nos remete à lembrança inesquecível de uma experiência, quando uma criança de apenas quatro anos, por não querer compartilhar um dos seus livros com o grupo, joga-o no chão. Entretanto, ao ser mediado pela educadora, que objetiva a sua reflexão acerca dos bons sentimentos, bem como do cuidado com tudo aquilo que está à nossa volta, independentemente de possuímos ou não, a criança responde: “Deixa, eu compro outro! Minha mãe tem dinheiro!”

Assim sendo, os indivíduos são influenciados fortemente pelo quesito de ter mais, condicionados principalmente pela *mídia* e pela *marca*. Permanecem numa ideia ilusória, a partir da qual visam desenfreadamente suprir os seus desejos mais profundos e individuais, mesmo que isto signifique ultrapassar suas próprias limitações e interferir negativamente na vida do grupo, bem como na sustentabilidade do planeta.

O dinheiro, mal distribuído e utilizado, está substituindo as relações afáveis por relações conflituosas. É nesse contexto que a violência avança nos patamares mundiais. Todavia, ao falarmos desta fereza, não estamos nos referindo especificamente às ações que ferem a carne humana, mas àquelas que dilaceram a integridade moral dos indivíduos, no que diz respeito à exclusão dos menos favorecidos, às injustiças e ao não suprimento das necessidades básicas, pois enquanto a maioria vive no luxo, a minoria sobrevive na miséria, conforme Freire: “[...] para os opressores, o que vale é *ter mais* e cada vez *mais*, à custa, inclusive, do *ter menos* ou do *nada ter* dos oprimidos.” (2011, p. 63, grifo do autor).

Deste modo, retomando tudo o que foi explicitado anteriormente, a relação entre homem, trabalho e sociedade, diante de situações tão gritantes, a cada novo dia nos damos conta

do quão indispensável é a reavaliação da nossa conduta, que nos conduza à prática do bem, da justiça e solidariedade. É preciso rever e reafirmarmos a moral que rege a nossa vida, tornando-nos seres comprometidos com “[...] a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optamos, na verdade, por um mundo de gente”. (FREIRE, 1996, p. 127). Assim, humanização e sustentabilidade andarão de mãos dadas, eternamente entrelaçadas.

Portanto, somente a partir da reflexão acerca de novos valores e virtudes, desenvolvimento da sensibilidade concomitante com a racionalidade, haverá uma sociedade fundamentada no bem comum (ética) e no amor. E esta idealização está muito mais perto de nós do que imaginávamos, pois está baseada numa *educação*, na qual a esperança e o trabalho, ação digna, sejam o ápice para a construção de um mundo melhor.

A ética no trabalho docente

Diante do contexto social no qual nos encontramos, o capital e as relações de poder por parte da minoria aumentam demasiadamente, estabelecendo as agressões físicas e morais à vida. Faz-se crucial destacar a importância do *compromisso ético docente*, visando uma sociedade emancipatória, cujos indivíduos lutem pelo bem comum, zelando por condições de vida favoráveis a todos os seres. Logo, essa essência, a partir da qual se estabelece um mundo melhor, inicia no primeiro contato do docente com seus discentes, na maioria das vezes, nos primeiros anos de vida destes.

Portanto, mesmo tão pequenos ainda, os educandos adentram ao mundo escolar, cada qual com sua história, dotados de características peculiares, que os tornam seres únicos e distintos. Por vezes, ao iniciarem esta nova etapa, apresentam mistos de medo, admiração e esperança no futuro; isto porque, para muitos, a escola é um refúgio e ao mesmo tempo a salvação para os seus problemas mais íntimos.

Assim sendo, este novo contato requer uma atitude de carinho, respeito e tantos outros valores por parte do educador, ante o imenso desejo de que os discentes desenvolvam-se integralmente, quanto à sua emoção, autonomia e consciência moral. “[...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem os educandos e à própria prática educativa”. (FREIRE, 1996, p. 141).

É neste âmbito que se constroem virtudes e se efetivam vínculos de relação mútua, troca recíproca entre os indivíduos que respeitam as diferenças e não as enfatizam. É nesse espaço tão importante, da sala de aula, que se inicia a formação de seres comprometidos moral e eticamente. E para tanto, necessitamos de educadores que também se assumam como tais:

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes, como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. (FREIRE, 1996, p. 120).

Primeiro espaço de transformação: o ambiente escolar

Com a mesma emoção e seriedade com a qual abordamos o comprometimento docente perante a ascensão social, justa e igualitária, trataremos da interação desenvolvida no espaço escolar, mais especificamente a sala de aula, capaz de promover a conquista de um mundo mais digno e humano. Logo, é atuando com amor, dedicação e esperança, desde a inicial relação com o educando, que selamos com a nossa responsabilidade ética. “Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo”. (FREIRE, 1996, p. 123).

Portanto, a partir do primeiro contato com a classe, perante seres tão diferentes e in-

dividuais, ou seja, únicos, envoltos nos mais diversos sentimentos, faz-se importante que o educador tenha consciência de que os educandos chegam à escola com uma história. Seria tão perigoso quanto desumano a ignorarmos, sendo que, muitas delas, representam exemplos de dor e superação.

Deste modo, em meio a estas particularidades que ocasionam as mais diversas emoções, faz-se essencial que o educador cultive a realidade de cada educando, respeitando o seu saber de experiência feito, conforme Freire (1996). Por conseguinte, explorando as vivências dos nossos educandos e, conseqüentemente, partilhando as nossas experiências com o grupo, estaremos diminuindo as barreiras que tanto separam os indivíduos na sociedade na qual nos encontramos.

Através desta prática, dialogando, ouvindo o outro, respeitando a individualidade e vencendo o individualismo, os sujeitos do processo educativo se tornam capazes de refletir, ou seja, pensar a própria existência, visando ao bem comum. Então, consideramos a reflexão como a capacidade de pensarmos de forma coerente, conscientes das nossas próprias ideias, bem como das opiniões alheias, conforme nos assinala Freire (1996, p. 38): “Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico”.

E, considerando a citação acima, de nosso consagrado Freire, a nossa relação com o educando não é mero repasse de informações, mas atividade recíproca, em que ambos experimentam a riqueza da troca de experiências e sentimentos. Com motivação, alegria e determinação, a reclusão cede lugar à autonomia e o autoritarismo à ação com liberdade e consciência. Assim, a partir do momento em que os discentes descobrem o valor da essencialidade, do amor, da reflexão e conseqüentemente da ação, tornam-se responsáveis por tudo aquilo que os cercam. Logo, encontrando-se com a felicidade, sentirão raiva de todas as situações que transgridam este sentimento.

Está errada a educação que não reconhece na justa raiva - na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência - um papel altamente formador. O que a raiva não pode é, perdendo os limites que a confirmam, perder-se em raivosidade que corre sempre o risco de se alongar em odiosidade. (FREIRE, 1996, p. 40).

Assim, acreditamos que somos seres condicionados, principalmente dentro do espaço escolar, pois há uma hierarquia diretiva, na maioria das vezes, favorável às situações sociais às quais nos encontramos. Porém, a verdade é que um mundo melhor parte de “[...] educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes”. (FREIRE, 1996, p. 26). A sociedade que almejamos, então, adquire força na relação desenvolvida no espaço escolar, logo, a diferença ultrapassa os limites da indiferença, e a transformação social pela qual lutamos, mesmo que às vezes lentamente, se faz.

Do espaço escolar para o mundo

Conforme o que foi apresentado no início dessa pesquisa, e diante das situações que muitos vivenciam e observam, como a miséria e as injustiças, compreendemos a sociedade a partir do trabalho que cada educador poderá desenvolver no âmbito da educação, contribuindo com o mundo que almejamos. Logo, é através da ação de todos os sujeitos que passaremos da utopia à realidade.

Conseqüentemente, toda a ação, trabalho digno desenvolvido pelos educadores, desde a atitude mais simples, determinará o sujeito que desejamos formar. Portanto, não fazemos nossa

a intenção de avançar na amplitude do comportamento ético docente, pois nos reconhecemos como seres inconclusos, que, quanto mais aprendem, tanto mais têm a aprender. “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele”. (FREIRE, 1996, p. 53). Entretanto, cabe-me enfatizar com a veemência da minha esperança e amor à docência, que pequenos gestos e atitudes se tornam decisivos à construção dos sonhos possíveis.

Logo, nos dispomos a fazer a seguinte pergunta: Se você, caro leitor, está andando apressadamente na rua e alguém lhe pede ajuda, seja qual for, o que você faz? Certamente, muitos continuam o seu percurso, como se fossem o único ser no planeta, pois a existência do outro lhe é alheada. Todavia, há aqueles que reconhecem a sua participação no mundo, demonstrando exemplo de comprometimento e bondade. E sabe onde se efetivou este sentimento grandioso? Isso mesmo, no espaço escolar.

Assim, é fixando os olhos no educando, ouvindo e mediando-o à reflexão, demonstrando-lhe afeto, humildade, sinceridade e seriedade, ou seja, proporcionando o desenvolvimento dos bons sentimentos e valores, que contaremos com um ser humano capaz de atender para o chamamento do outro, muitas vezes, esquecido e relegado. “Os educadores são escultores da emoção. Eduquem olhando nos olhos, eduquem com gestos: eles falam tanto quanto as palavras”. (CURY, 2003, p. 125).

Conseqüentemente, a partir do momento em que somos capazes de olhar o outro, com amor e cuidado, mesmo que este esteja bem vestido ou maltrapilho, seremos igualmente tão capazes de pensar a ética justaposta à sociedade excludente na qual nos encontramos.

Gostaria de deixar bem claro que não apenas imagino mas sei quão difícil é a aplicação de uma política do desenvolvimento humano que, assim, privilegie fundamentalmente o homem e a mulher e não apenas o lucro. Mas sei também que, se pretendemos realmente superar a crise em que nos achamos, o caminho ético se impõe. Não creio em nada sem ele ou fora dele. (FREIRE, 1996, p. 131).

Entretanto, embora cientes do nosso compromisso ético, muitos educadores vivem a face mascarada da injustiça, na grande maioria das vezes, descrentes da sua própria capacidade de transformação na esfera educativa. Não nos desanimemos! Lutemos até o fim, estimulando os sonhos e a vontade de sonhar: “Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar”. (FREIRE, 1996, p. 144).

Deste modo, compreendemos que a transformação social é mediada pelo processo educacional, a partir do juramento do educador diante da sua profissão, afirmando-se moral e eticamente. Finalizando o discurso, caros docentes, lembremo-nos de que o belo reside dentro de cada um de nós, basta uni-lo com a honestidade que move a nossa prática pedagógica.

Considerações finais

Ao término da pesquisa realizada, a partir da reflexão das obras exploradas, foi possível a análise e, conseqüentemente, a compreensão dos problemas sociais que a grande maioria dos indivíduos vem enfrentando, como as injustiças e a violência. Entretanto, conforme o objetivo deste trabalho, damos-nos conta de que os sonhos de uma sociedade justa, igualitária e solidária não estão e muito menos estarão enterrados, enquanto os educadores afirmarem-se eticamente.

A partir das ideias dos autores envolvidos nesse contexto dialógico, principalmente considerando os pressupostos de Freire, concluímos que o educador, ante a sociedade que temos, exerce um papel fundamental na constituição dos educandos, contribuindo com o desenvolvimento integral destes, ou seja, emocional, moral e racional. Assim sendo, diante do condiciona-

mento no qual a maioria dos indivíduos se encontra, onde houver um educador comprometido com o processo educacional, tanto mais haverá conscientização e libertação. Logo que descobrimos os valores que regem a nossa prática pedagógica, tão brevemente nos deparamos com a dimensão do nosso trabalho, na formação de sujeitos conscientes, solidários e justos, capazes de amar e, em favor do amor, lutar contra a infelicidade da humanidade, causada pela miséria e iniquidades.

Portanto, após a realização dessa pesquisa, que supõe a sua extensão, por tratar-se de uma ação transformadora, conclui-se que, embora a educação esteja à face de uma ideologia dominadora, cada educador responsável, mesmo que isso pareça impossível, é capaz de romper com a sociedade. Lembremo-nos sempre, desde o nosso juramento, que temos o dever de alimentar os sonhos de um mundo melhor, pois com dedicação, racionalidade, amor e humildade, da utopia passaremos à realidade.

Referências

BURG, Silvana Montibeller; FRONZA, Silvio Luiz; SILVA, Thiago Rodrigo da. **Fundamentos do processo educativo no contexto histórico-filosófico**. Indaial: Grupo Uniasselvi, 2013.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: história e grandes temas**. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

TAFNER, Elisabeth Penzlien; SILVA, Everaldo da. **Metodologia do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2012.

TRASFERETTI, José. **Ética e responsabilidade social**. 4. ed. Campinas: Alínea, 2011.
